



A CONSTRUÇÃO DO HERÓI AMERICANO PÓS 11 DE SETEMBRO: UM OLHAR SOBRE O (NOVO) HERÓI AMERICANO APRESENTADO POR HOLLYWOOD

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3919

Douglas Alves Moreira, UNIMONTES

Resumo

Hollywood foi fundamental para representar os Estados Unidos e a América Latina sobre os “inimigos do momento”, durante os principais conflitos do século XX. Especialmente no decorrer da Primeira Guerra Mundial contra os alemães e seus aliados, período esse onde o filme hollywoodiano atingiu todo o mundo. Hollywood também foi importante na criação de símbolos que acalentaram o cidadão americano em momentos de profunda falta de esperança, proporcionando motivação para seguir em frente e enfrentar a crise econômica no pós-guerra em 1929, assim como defender a democracia e o estilo de vida americano durante a Segunda Guerra Mundial e na Guerra Fria. Logo no início século XXI, um novo “inimigo” se forma. A luta contra o terrorismo, encarnada no árabe ou mulçumano está traduzida claramente nas telas dos cinemas. Nestes filmes, Hollywood usa dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 como pano de fundo para alguma de suas produções, tanto na forma ideológica, quanto na busca de uma rápida aceitação financeira. A presente proposta tem com intuito analisar a construção dos diferentes tipos heróis criada pelo cinema americano no pós 11 de Setembro de 2001. Para tanto serão analisadas e debatidas duas produções cinematográficas.

Palavras Chave:

Cinema; herói; terrorismo; Hollywood.

Introdução

O que estimula o uso do cinema como campo de estudo é que através dele é possível abordar as mais variadas temáticas e problemáticas de caráter social, político e cultural. O (novo) herói hollywoodiano parte da construção de um inimigo pelo campo político e sendo assim, o cinema vai usar do mesmo inimigo como pano de fundo para passar a sociedade elementos que vão não só justificar a sua defesa perante o combate com o inimigo, mas também questionar se as atitudes tomadas são as mais sensatas e as suas consequências para a sociedade em si.

Nas guerras passadas o cidadão ajudava a combater o inimigo como, por exemplo, uso do bônus de guerra, que são títulos da dívida pública do Estado para cobrir os gastos com a guerra e evitar a inflação, como foi representado nos desenhos da Walt Disney da época. Contudo, desta vez o cidadão é o alvo do inimigo, já que os alvos dos terroristas são cidadãos em locais de grande importância simbólica, tais como foram os alvos no atentado de 11 de setembro. É possível observar que a partir do contexto desta nova guerra surge a necessidade de um novo herói, não aquele do campo de batalha, mas aquele dentro da sociedade. É claro que é possível observar muitos filmes anteriores ao atentado terrorista de 11 de setembro de 2001, onde as atuações de membros da sociedade vão exercer papéis de heróis ou mesmo filmes onde terroristas tentam infringir algum mal a sociedade. O que procuramos discutir é como tais características ganharam importância a partir do atentado terrorista orquestrado pela Al Qaeda em 2001.

Não é só o cinema que vai trazer essa abordagem relacionada ao terrorismo, ao assistir séries de TV, é possível observar que muitas das séries também vão abordar a visão de seus personagens sobre o fatídico 11 de setembro de 2001, seja em séries policiais, médicas ou sobre o dia a

dia dos bombeiros, etc. Daí saiu a ideia para esse texto e uma oportunidade de discutir algo diferente. O choque do atentado terrorista em Nova York afetou vários segmentos da sociedade americana desde sua estrutura econômica, política e principalmente na segurança. A TV e o cinema também sofreram fortes abalos, já que muitas de suas produções tanto da TV quanto do cinema tiveram de serem revistas dali pra frente. A partir do atentado terrorista, e com a entrada do país em uma nova guerra, as produções cinematográficas abordaram a temática de forma constante.

O terrorismo: a guerra do século XXI

O atentado terrorista de 11 de setembro de 2001 ocorre no primeiro ano do século XXI, esse novo século não só herdou como também aperfeiçoou a brutalidade das guerras ocorridas no século XX. A partir da Primeira Guerra Mundial, com o avanço na tecnologia de armamentos ou na “tecnologia da morte” como definido por Eric Hobsbawm em *A Era dos Impérios*, (2009) o que levou os civis serem atingidos pela guerra. A grande guerra mostrou uma face da barbárie a que muitos acharam que não veriam mais, contudo ao invés de diminuir ela se intensificou durante os demais conflitos do século XX.

O terrorismo não é algo novo, mas abriu o século XXI tendo como alvo a nação cujo território não estava acostumado a ser atacado. Além do mais, as consequências do ataque e a forma com que foram feitos surpreenderam em muito não só o governo e a população do país, mas o mundo. Quem atacava os Estados Unidos naquele momento de relativa paz? Os Estados Unidos saíram vitoriosos de quase todos os conflitos militares na qual entraram— com exceção a guerra do Vietnã — nas duas Guerras Mundiais a nação foi decisiva para o fim de ambos os conflitos, e na Guerra Fria venceu pelo cansaço a URSS, se tornando uma superpotência

militar, econômica e política do mundo. Após a Primeira Guerra Mundial, já no início do século XX, os EUA tomam da Inglaterra o posto de potência mundial.

A palavra terrorismo remete ao termo terror onde a ideia mais clara seria a de submeter alguém através do medo partiria de uma grande violência. Um grande exemplo disso foi a Revolução Francesa e a sua fase do terror comandada por Robespierre, que contribuiu em muito para a evolução do emprego do termo. Para Fernando Reinares, o terrorismo pode ser definido através de três pontos, pelo meio da violência com a intenção de provocar atos emocionais induzindo ansiedade, pânico e medo, a utilização da violência de forma imprevisível e sistemática tendo como alvos locais simbólicos e pôr fim a violência como portadora de uma mensagem, sendo essa violência considerada como a transmissora de uma mensagem. (ALCANTARA, 2012, p.10)

O terrorismo que abre o século XXI é definido conceitualmente por Alex Schmid, uma referência no meio acadêmico e governamental. Segundo Schmid *apud* Alcântara:

O terrorismo é um método de inspirar ansiedade de ação violenta repetida, empregado por (semi-) indivíduo clandestino, grupo ou atores estaduais estatais, por razões idiossincráticas, criminais ou políticas, em que - em contraste com o assassinato - os alvos diretos da violência não são os principais alvos. As vítimas humanas imediatas da violência são geralmente escolhidas aleatoriamente (alvos de oportunidade) ou seletivamente

(alvos representativos ou simbólicos) de uma população-alvo, e servem como geradores de mensagens. Processos de comunicação baseados em ameaça e violência entre terrorista (organização), vítimas (em perigo), e os alvos principais são usados para manipular o alvo principal (público(s)), transformando-o em um alvo do terror, um alvo de exigências, ou uma meta de atenção, dependendo do que é procurado principalmente, intimidação, coerção ou propaganda. (ALCANTARA, 2012, p. 12)

Partindo dessa noção explicativa do termo terrorismo, torna-se possível perceber os atentados terroristas de 11 de setembro como uma tentativa de passar uma mensagem ao governo americano pelo grupo Al Qaeda. Para o grupo terrorista, bem como para o seu mentor, o saudita Osama Bin Laden, seus atos contra os Estados Unidos são justificados, devido à invasão ou a presença¹ dos EUA na Arábia Saudita que detém grandes reservas de petróleo e é de grande importância para a religião do islã, o apoio militar e diplomático a Israel e as sanções ao Iraque que impediam o crescimento econômico do país e que arruinou a sociedade civil do país (CHOMSKY 2002). Como forma de represália aos atentados terroristas, os Estados Unidos iniciam uma Guerra ao Terror que levou a invasão do Afeganistão e mais tarde do Iraque. Segundo Maria Helena Marinho do Monte Vilar:

O 11 de setembro marca o início de uma era orientada pelas guerras contra o terror. Com este subterfúgio, governos ocidentais empreendem invasões e intervenções militares para

¹ O termo invasão foi o termo usado pelo grupo terrorista e utilizado também pelo autor Chomsky que foi Palestra feita pelo autor em 18 de outubro de 2001 no Fórum de Tecnologia e Cultura de Massachusetts (Institute of Technology) (MIT), EUA. Já o termo presença eu observei ao pesquisar na internet a relação entre os EUA e a Arábia Saudita. A Arábia Saudita tem relações

próximas com os EUA desde 1933 quando foi reconhecida por esta devido a sua reserva de petróleo. Para mais informações: https://pt.wikipedia.org/wiki/Relações_entre_Arábia_Saudita_e_Estados_Unidos

combater organizações terroristas e restabelecer governos democráticos. Por óbvio, as intervenções não foram pacíficas, tampouco destituídas de violência de ambos os lados. A cada avanço em terras orientais, mais resistência se encontrava. A guerra que poria fim ao “terror” acabou por impulsioná-lo. Hoje, 13 anos depois, as organizações terroristas não só sobreviveram, como se desenvolveram, arrastam cada vez mais jovens simpatizantes da causa, e por consequência, expandiram-se por diversos países, inclusive em células compostas por cidadãos, em suas maiorias jovens, nascidos no ocidente de origem fundamentalista islâmica. (VILAR, 2015, p.13)

O cinema de Hollywood: uma arma americana

Apesar de ser uma superpotência militar, os Estados Unidos usa outra arma contra seus inimigos, algo sutil para muitos espectadores e até imperceptível. Tal arma, por ser tão presente no cotidiano das pessoas não é levada a sério: o cinema. O cinema americano produzido pelos EUA pode ser observado também como uma grande e poderosa indústria de entretenimento que perpassou suas fronteiras e se espalhou pelo mundo. Hollywood, como é mundialmente conhecida o cinema norte americano, se estabeleceu como uma grande geradora de imagens, inserida na produção dos meios de comunicação de massa, se tornando um dos mais importantes elementos produtores da subjetividade capitalista gerando assim uma cultura com vocação universal cujo papel é de grande importância na construção de forças coletivas no e controle social. (BUTCHER, 2004, p.16)

Quando o cinema passou a ser visto como uma narrativa ficcional e deixou de ser visto apenas como registro, momento esse que o seu potencial como produto foi percebido. A partir de então houve uma grande produção em massa no

cinema americano. Assim se formou uma grande estrutura para sua expansão e venda. Em consequência a Primeira Guerra Mundial, a Europa que era grande exportadora de filmes, entra em dificuldades devido a questões financeiras e aos percalços da guerra. A produção americana ganha espaço e os EUA se estabelecem como potência nesse campo. Desta forma, nasce Hollywood a arma americana de fabricar sonhos. Os seus produtos tinham como intenção os ideais universais, pois eles foram idealizados com não só para o consumo nacional, mas para mundo.

Segundo Butcher:

Para conquistar uma presença de fato eficaz em mercados estrangeiros, Hollywood precisa negociar elementos como condições locais, línguas e preferências diversas, mobilizando-os em vantagem própria. É nesse espaço que surge a possibilidade de agenciamentos, tornando a produção hollywoodiana (e sua percepção) menos unívoca do que as aparências podem fazer julgar. Hollywood se constitui a partir de uma diversidade de gêneros, estilos e estratégias de produção e distribuição que formam um conjunto de alta complexidade. (BUTCHER, 2004, p.16)

O que faz Hollywood conquistar tal presença é à coerência de estabelecer um projeto de hegemonia, com domínio da técnica que vai se apresentar de forma duradoura e inevitável. A partir disso, para muitos cinema é um sinônimo de cinema americano. Desta forma, o cinema americano como experiência coletiva e com seus elementos que estimulam ou incomodam, se tornou uma das formas mais fortes de expressões culturais dos EUA e o sucesso no interior da nação proporcionou a exploração mundial do filme como produto. (BUTCHER, 2004, p.16)

A partir dos atentados terroristas de 2001 o Oriente Médio passou a ser

enquadrado no plano estratégico de segurança dos EUA, sendo o alvo principal da Guerra ao Terror, pois o fundamentalismo muçulmano é um risco a segurança do mundo. Após o plano político norte americano estabelecer o oriental como empecilho para a paz, surge uma representação do muçumano como uma ameaça e que passaria a ser transmitida ao restante do mundo através de várias mídias, mas principalmente pela indústria cinematográfica.

O cinema vai proporcionar a visão de um ponto de vista, reproduzindo os modelos convencionais para ver e conhecer o mundo ou permitir que sejam observadas coisas que não foram observadas ou sentidas. Os filmes são uma forma de enquadrar o mundo, apresentando a ação e movimento além de fornecer visões de tempo e do caminhar pela história. O cinema também pode passar uma visão mais viva, crítica e intensa sobre os seres humanos e suas relações sociais e os processos históricos. (KELLNER *apud* AIRES, 2012, p.27-28)

Os filmes vão proporcionar uma explicação dos acontecimentos da contemporaneidade e de contextos políticos, sociais, culturais e econômicos de uma determinada época usando de imagens, cenas narrativas. Desta forma podem ser considerados como indicadores sociais e que vão elucidar as realidades históricas de uma época, caracterizando os contornos sociais em experiências cinematográficas. O cinema de Hollywood pode ser visto como um debate de representações que vão se espelhar em conflitos sociais e assim interpretar os discursos políticos da época que são representados.

É possível perceber em muitos filmes de Hollywood, tanto em filmes principais quanto secundários², que muitos deles vão abordar temáticas polêmicas além de conflitos econômicos,

políticos e sociais do momento. Estes filmes vão repercutir e principalmente vão ser interpretados dentro da história das disputas sociais e políticas e do contexto do período. Desta forma, os filmes vão ajudar a explicar a história social e política de uma determinada época e essa contextualização dos filmes em sua matriz de reprodução, distribuição e recepção ajudando a esclarecer os contraditórios significados do filme. (KELLNER *apud* AIRES, 2012, p.28)

Os filmes vão mostrar ao espectador uma realidade social de uma determinada época através de uma representação inserida de fenômenos e eventos. Além disso, os filmes também podem fornecer uma representação alegórica, cuja interpretação será comentada e interpretada de forma indireta, retratando ainda sim os detalhes de uma determinada época. Essas duas representações mostram o realismo da indústria cinematográfica e tal representação tenta passar acontecimentos e personagens reais e nas representações alegóricas, a inclusão de gêneros de fantasia e terror. Os filmes podem ser vistos como interpretações, análises críticas, tanto do contexto social, quanto da história, podendo apresentar características impróprias ou ideológicas, já os filmes alegóricos vão passar uma história que pode proporcionar uma reflexão sobre situações da contemporaneidade, uma forma simbólica de representação o que vai ser transmitido de forma não literal. (KELLNER *apud* AIRES, 2012, p.28-29)

O herói de Hollywood e o novo herói hollywoodiano

Os filmes são de grande importância na cultura contemporânea, pois vão usar como narrativas as dimensões econômicas, sociais, políticas e culturais da atualidade. As análises críticas

autores conhecidos. Já o secundário seriam aqueles filmes com pouca divulgação e com atores pouco conhecidos.

² Os filmes principais são aqueles que são uma grande divulgação e alto investimento com

dos filmes produzidos por Hollywood vão contribuir para a compreensão da cultura da sociedade americana, pois vão inserir contextos políticos, de Estado, corporativos, econômicos, crises econômicas, ambientais, as guerras, o intenso militarismo, o racismo, o preconceito, terrorismo, as ameaças à liberdade e a democracia. A contribuição dos filmes como indicadores sociais, mas principalmente, como elucidativos de realidades históricas, onde grande soma de recursos é destinada a pesquisa, marketing e produção do filme. Os idealizadores do filme vão utilizar dos temores, alegrias e conflitos dando formato cinematográfico para tais realidades. (KELLNER *apud* AIRES, 2012, p.29)

A partir da década de 2000, o cinema americano vai começar a abordar temáticas mais relacionadas com o terrorismo, crise econômica e militarismo, devido principalmente ao turbulento cenário político-econômico que o país vai enfrentar. Após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, a produção fílmica vai generalizar, caracterizando o muçumano como ameaça internacional e os EUA como vítima dos bárbaros atentados terroristas. Apesar de muitos desses filmes vilanizarem o muçumano e não questionarem as responsabilidades dos EUA sobre a situação em que grande parte dos países de maioria muçumana se encontra, devido a muitas vezes a interferência dos EUA em sua política ou economia. Tal momento pode ser comparado ao da Guerra Fria onde os filmes americanos vão destacar os EUA como a nação certa em detrimento a URSS.

Os filmes de Hollywood muitas vezes vão apresentar ao espectador heróis já preparados para enfrentar a situação que se apresenta. Em muitos dos conflitos enfrentados pelos EUA e retratados no cinema grande parte está relacionado ao militar ou a questão da militarização. O herói americano é muitas vezes apresentado como um soldado, agente

ligado a algum órgão fechado, tais como CIA ou FBI, sem uma ligação mais direta com a sociedade.

A franquia *Rambo de 1982*, vai abordar a guerra do Vietnã, tratando sobre um soldado americano que consegue voltar para casa após fugir de inimigos que o torturou. O filme mostra as consequências causadas pela guerra de forma psicológica, física e emocional. O filme consegue passar a ideia de um supersoldado que vai derrotar todos os inimigos que vierem em seu caminho. Não obstante, alguns filmes apresentam contradições como, por exemplo, a franquia, *Duro de Matar* de 1988, onde o herói é um policial que vai combater um grupo terrorista em um edifício sozinho. O policial apesar de ter uma “preparação” está bem próximo da sociedade. Mais uma franquia que pode ser citada como exemplo é *O Predador* de 1987, onde soldados são enviados a selva da América Central para resgatar reféns, mas encontram uma criatura de outro mundo altamente equipada e treinada em combate e camuflagem. Contudo, nem uma criatura de outro mundo seria capaz de vencer os soldados dos Estados Unidos. Nas continuações dessas franquias os inimigos mudavam, inseriam-se outros personagens com o passar do tempo, tais como em *Duro de Matar* e *O Predador*.

O novo contexto trazido pela Guerra ao Terror possibilita o surgimento de um novo herói em Hollywood, um herói mais próximo da sociedade, já que são os cidadãos da sociedade americana os alvos do terrorismo. O novo herói hollywoodiano está inserido dentro da sociedade, e próximo de quem está em perigo. As próprias medidas de segurança divulgadas pelos governos para a população em caso de atentado ou mesmo de suspeita de atentados terroristas são as únicas instruções.

Um exemplo nesse contexto é o filme *Paranoia Americana* de 2006 que vai mostrar um cidadão americano após ser demitido é constantemente bombardeado

pela mídia devido às questões relacionadas ao terrorismo, devido aos atentados de 11 de setembro, surgiria na sociedade americana um medo constante de novos atentados. As informações divulgadas na mídia fazem com que o cidadão americano passe a desconfiar de seu vizinho islâmico, passando a investigar de forma minuciosa o dia a dia de seu vizinho. O medo e as constantes informações divulgadas pela mídia desencadeiam uma verdadeira paranoia, deixando o personagem principal isolado e abandonado pela esposa e pelo FBI que não acreditam em suas suspeitas. Após ser internado em um hospital psiquiátrico, o personagem vê pela televisão que suas suspeitas estavam corretas, e que havia sim algo de suspeito nas atitudes de seu vizinho, contudo ele não foi levado a sério e outros cidadãos foram feridos. O pânico pós 11 de setembro foi tão intenso e trouxe tanto medo à sociedade que essa paranoia pode ser compreendida. Essa é a finalidade de um ato terrorista, causar pânico, medo em seus alvos. No decorrer da década de 2000, outros ataques vão ocorrer na Europa o que contribui ainda mais com o pânico da sociedade.

Outro exemplo de filme que vai abordar um exemplo de novo herói hollywoodiano é em *O Dia do Atentado* de 2016 neste filme, os personagens representaram as vítimas e cidadãos envolvidos tais como: policiais, agentes do governo e autoridades. O filme retrata o atentado terrorista ocorrido em 2013, na maratona de Boston, no dia 19 de Abril, o chamado dia do Patriota. O filme vai se destacar devido ao uso de imagens reais do fatídico dia como vídeos de câmera de segurança, de noticiários de TV não só dos EUA, mas de vários países. O filme vai mostrar os acontecimentos que se desenrolaram durante a procura pelos responsáveis pelo atentado e da ênfase em um policial do departamento de homicídios. O policial é o melhor exemplo de um novo herói Hollywoodiano, por ser mais aberto em relação à sociedade e por está inserido nela. Assim como os médicos

e bombeiros, os policiais são parte integrante da sociedade, ou seja, pelo fato de estarem bem mais próximos dos cidadãos do que soldados, ou agentes do governo. Contudo, apesar dos soldados ou agentes do governo estarem mais afastados dos cidadãos que o policial, isso não os tornariam menos inserido na sociedade do que um policial, já que eles também têm laços com essa sociedade tal como família, amigos.

O Dia do Atentado vai trazer muitas referências à questão da liberdade de se defender o seu lugar de origem, mostrando como os símbolos criados há muito tempo e os criados há pouco tempo são respeitados igualmente. O filme é uma homenagem às vítimas diretas e indiretas do atentado e passa ao espectador a sensação de medo e pavor sentido após um atentado terrorista.

A Guerra ao terror proporcionou o surgimento de um novo herói para Hollywood, pois ao tornar o civil um alvo de seus ataques, os heróis hollywoodianos devem cada vez mais estar mais próximos da sociedade. Devido a essa nova guerra do século XXI, o novo herói não precisa mais ser necessariamente um soldado do exército americano, mas qualquer um que possa representar essa sociedade. Em outras palavras, o novo Herói de Hollywood passa a ser mais humano, mais perto de sua realidade, já que seria essa a intenção do filme ao representar essas realidades e experiências sociais.

Referências

AIRES, Clara. O oriental enquanto ameaça uma análise da percepção dos estados unidos sobre o Oriente Médio a partir de filmes selecionados.

Fronteira, Belo Horizonte, v. 11, n. 21, p. 23 - 42, 1o sem. 2012.

ALCÂNTARA, Priscila Drozdek de. **TERRORISMO: UMA ABORDAGEM CONCEITUAL**. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/nepri/files/2012/04/Terrorismo_Uma-abordagem-conceitual.pdf>. Acesso em: 12 de setembro. 2017.

BUTCHER, Pedro. A reinvenção de Hollywood: cinema americano e produção de subjetividade nas sociedades de controle. **Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p.15 – 26, 3º sem. 2004.

HOBBSAWM, Eric J. A Era dos Impérios, 1875-1914. 13. Ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2009.

VILAR, Maria Helena Marinho do Monte.

Guerra ao terror: uma análise do terrorismo global do 11 de setembro ao ataque à Paris (Paraíba), 2015. Trabalho de Graduação de Curso (Graduação em Direito) – Universidade Estadual da Paraíba, 2015.

Filmes

Duro de Matar. Direção: John McTiernan,

Produção: Joel Silver. Los Angeles (DE): 20th Century Fox, 1988, 1 DVD.

O Predador. Diretor: John McTiernan, Produção: Lawrence Gordon, Joel Silver, John Davis Los Angeles (DE): 20th Century Fox, 1987, 1 DVD.

O Dia do Atentado. Diretor: Peter Berg, Produtor Scott Stuber, Los Angeles (DE) Paris Filmes, 2017.

Rambo: Programado para Matar. Direção: Ted Kotcheff, Produção: Buzz Feitshans. Los Angeles (DE): Orion Pictures, 1982, 1 DVD.

Paranoia Americana. Direção: Jeff Renfroe, EUA/ Canadá, 2006.